

Ricardo Reis

São de três espécies os erros vulgarmente cometidos...

São de três espécies os erros vulgarmente cometidos na interpretação moderna do paganismo. Ou se confunde paganismo simplesmente com a sua manifestação politeísta; ou se toma por paganismo determinadas práticas religiosas que nele havia, certos ritos, certas cerimónias; ou se confunde paganismo com as teorias de determinadas escolas filosóficas que nasceram do terreno pagão.

Na mera enunciação de quais são os erros verá o leitor que eles são erros, e compreenderá logo a que interpretações especiais me reporto. Não desejo, porém, que me não entendam, e por isso, aumentando estes preliminares mais do que competiria para a perfeita proporção do assunto, passo a esmiuçar um pouco mais as razões a que me atenho.

O erro central na interpretação moderna do paganismo consiste em que, como é natural, mas, posto que natural, erróneo, não concebemos nunca o paganismo senão consciente ou inconscientemente contrapondo-o ao sistema cristão. Como nascemos adentro do psiquismo cristista e esse psiquismo se substanciou com o nosso, individual, não nos libertamos nunca completamente dele, e, quando menos nos receamos, mais certa posse ele tem de nós.

Decorrendo desta viciação nuclear do problema interpretativo, são de três espécies (*supra*).

Como se verá depois, quando houvermos afastado os obstáculos, chegado à definição do assunto, o paganismo, na sua essência, envolvia, conotava, o politeísmo. O politeísmo, de *per si*, não constitui, porém, o paganismo greco-romano. Politeístas são o sistema religioso da Índia; politeísta era o velho sistema dos povos do Norte da Europa. Nenhum destes sistemas politeístas se assemelha porém, salvo no facto nu e cru de serem politeísmos, ao politeísmo greco-romano. A distinção entre o politeísmo índio e o grego não precisa ser feita por mim: fê-la, de uma vez para sempre, Heródoto, em uma frase precisa e feliz. As divindades índias são (disse) de forma humana, as gregas de natureza humana. A distinção é daquelas que completamente circum-navegam o assunto. Porque, mesmo nos pontos em que as duas religiões encaram a subida do homem a deus, na religião grega ele sobe pelo exercício sobre-humano das

qualidades humanas, isto é, das qualidades que, no seu exercício normal, apoiam e edificam a vida; na religião índia, por contrário, as qualidades que elevam o homem a sobre-homem são qualidades onde se nega a vida, são as qualidades ascéticas, as práticas caritativas que viciam o egoísmo individual e cívico, a soma de renúncias que contradiz o normal prazer que o homem normal tem na vida. De sorte que a semelhança entre estes dois sistemas religiosos é puramente externa. (. . .)

Uma diferença idêntica separa o politeísmo grego do politeísmo da Igreja Católica, representado por os seus santos, que, para a maioria das populações nas nações católicas, têm, na devoção e no culto, um lugar acima de Deus.

Outra, mas de idêntico valor, é a distinção a fazer entre o politeísmo grego e o dos povos do Norte da Europa. Aqui, realmente, há de comum que as divindades são representações humanas alargadas, e não negações da humanidade. Ao passo, porém, que os deuses gregos são objectivações formais dos instintos humanos, os deuses nórdicos são objectivações amorfas, vastas sombras mais do que grandes pessoas; das quais mais se aproxima, já, a religião menos estatual dos romanos, que a fé, estática e delimitada, dos helenos. Assim no politeísmo do norte se encontra bem figurada aquela índole que havia de ser sempre característica dos povos onde esse politeísmo nasceu — alma vaga, indecisa, onde os sentimentos são amorfos e os pensamentos abismados e profundos, alma que havia de manifestar-se nos sistemas abstrusos da filosofia alemã, na poesia nevoenta dos países nórdicos, e que do cristismo havia de extrair, a extrair qualquer coisa, antes a sua parte monoteísta que a politeísta, por isso que o politeísmo cristista, de origem greco-romana, traz consigo a lucidez da sua fonte, e o monoteísmo mais se presta à indefinição, à imprecisão, às sombrias e abismadas meditações que os povos da bruma trazem na sua alma, como a bruma contorna as suas paisagens.

Assim, da análise comparada, que fizemos, do politeísmo grego com os outros, tirámos esta conclusão: que ele se distingue, essencialmente, em ser 1) estático, 2) humano, 3) sincretista (?).

Encaremos, agora, o paganismo greco-romano do ponto de vista em que é vulgar compará-lo ao cristismo: isto é, da sua pretensa amoralidade, ou imoralidade mesmo. Esta imoralidade, a que a ignorância moderna se atém, apoiada ou em cultos que contrastam com a severidade do culto cristão, ou em que a expressão da moral pagã é, no geral, menos severa e menos espiritual que a cristista, provém simplesmente de que se considera moral o cristismo, passando, portanto, a serem imorais os não-cristismos todos. No erro têm

caído, com um descuido sistemático, quantos, quer propondo-se ser cristãos, quer propondo-se ser anti-cristãos, quer defendendo a moral (cristã), quer procurando defender a imoralidade (suposta anti-cristã). É um erro crasso que subjaz os débeis pensamentos de tais como o «esteta» Wilde ou o seu mestre Pater; a ignorância da substância do paganismo basta para explicá-la.

1917?

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1996: 245.